



Alexander Turra é professor do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo e Titular da Cátedra UNESCO para a Sustentabilidade dos Oceanos.

Lixo no mar, um grito de socorro!

Problema catalisador ou oportunidade conveniente?

Alexander Turra

O problema do lixo no mar emerge a partir do final do século 20 como uma das principais ameaças aos oceanos. A quantidade de lixo que é lançada nos oceanos, derivada tanto de atividades realizadas em terra quanto no próprio mar, tem crescido assustadoramente nas últimas décadas. Como resultado, o lixo é presença marcante e frequente nos mais variados ambientes marinhos, desde praias até grandes profundidades e ambientes polares, onde causam impactos ambientais e econômicos.

O lixo no mar pode ser entendido como um inimigo comum a toda a sociedade, uma unanimidade que demanda o compartilhamento da responsabilidade em seu combate. A comunidade internacional e diferentes atores sociais iniciaram processos de mobilização e de discussão de possíveis soluções. Dada a complexidade e as diversas origens do problema, as formas para solucioná-lo também dependem de ações variadas e integradas. Portanto, o lixo no mar pode ser visto como um problema catalisador da sociedade para que ela zele pela qualidade do ambiente, em especial, dos oceanos.

Mas a real motivação para o envolvimento no combate ao lixo no mar pode também ser associada a uma oportunidade conveniente em catapultar e amplificar agendas já existentes. O lixo no mar pode corresponder a um argumento adicional para uma dada agenda, ou seja, para combater aquilo que já se queria combater ou promover ou mesmo para justificar ou fomentar determinadas atividades ou instituições. O problema é que isso, ao invés de contribuir para a solução do problema, pode equivaler a uma retórica falaciosa que leva ao apoio a ações pontuais que não necessariamente promovem uma melhoria efetiva e duradoura da qualidade dos oceanos e do planeta como um todo.

Como exemplo, o questionamento do uso de combustíveis fósseis e da sociedade de consumo vale-se do fato de o plástico predominar nos itens registrados no mar para se fortalecer. Entretanto, com base em uma visão parcial da questão, não necessariamente considera o papel do plástico na redução das emissões de gases estufa, como no caso do transporte de mercadorias usando embalagens mais leves. De forma similar, não considera os custos ambientais dos materiais alternativos (como papel, vidro ou metal) para as embalagens que, por meio da análise

do ciclo de vida, podem revelar impactos ambientais adicionais. Nesse contexto, medidas que podem reduzir a entrada de resíduos no mar no curto prazo, como o aprimoramento da gestão dos resíduos, não são consideradas prioritárias.

A presença de determinados itens no mar também tem sido usada como argumento para o banimento de sua fabricação e uso, como os canudos plásticos e o cigarro. O primeiro reforça o questionamento ao consumo mencionado acima, enquanto o segundo ataca o tabagismo e todas as suas consequências para a saúde das pessoas e para os custos do tratamento das doenças decorrentes.

Outro exemplo está relacionado ao fato de parte do problema do lixo no mar ser causada pela perda ou descarte irregular de petrechos de pesca, como redes e armadilhas, que continuam capturando organismos. Esse fenômeno, denominado pesca fantasma, tem sido usado para defender a redução do consumo de pescado pela sociedade, agenda voltada para a conservação da biodiversidade, como forma de combate ao lixo no mar.

Mesmo ações que parecem lógicas e relevantes podem estar baseadas em motivadores não holísticos. A promoção da economia circular, que visa lidar com os resíduos produzidos pela sociedade tornando-os matéria-prima para a indústria da reciclagem, não deve estar desacoplada de outros aspectos relacionados ao combate do lixo no mar, como o consumo consciente. A promoção de ações de mobilização e conscientização da população frente ao problema do lixo no mar não pode ser reduzida a iniciativas pontuais, como os mutirões de limpeza de praias.

Por outro lado, aspectos centrais dessa questão são pouco debatidos. O problema da pobreza, da desigualdade de renda e da ocupação irregular de encostas, margens de rios e manguezais, onde não há oferta de serviços públicos, incluindo gestão de resíduos, é largamente desconsiderado quando se discute a temática do lixo no mar. Na verdade, grande parte da entrada de lixo para o mar ocorre como consequência da marginalização social. Assim, o lixo no mar é mais que um problema em si, é um grito de socorro da miséria.

Utilizar esse problema de maneira oportunista e pragmática para apenas amplificar agendas particulares não parece contribuir para uma solução sistêmica e duradoura. A solução para o lixo no mar passa pela integração e articulação das diferentes soluções, despidas de conflitos de interesses. Para combater o lixo no mar deve-se considerar que cada macaco esteja no seu galho, mas na mesma árvore, ou seja, que os diferentes atores sociais queiram de fato resolver o problema e não apenas se valer dele para viabilizar seus interesses. Para que isso aconteça é fundamental o estabelecimento de processos participativos, independentes e aglutinadores, como os Planos de Combate ao Lixo no Mar, desde o nível federal até o municipal, que atenuem os interesses particulares em detrimento dos coletivos. ▀